

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Luiza Lopes Amoretti

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre

2018

Luiza Lopes Amoretti

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre

2018

Luiza Lopes Amoretti

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovado(a) em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor - instituição

Nome do professor - instituição (orientador)

Dedico este trabalho para as duas pessoas mais importantes em minha vida. Ao anjo que foi minha mãe *In Memoriam*, que gostaria profundamente que eu me tornasse professora, e deve estar muito feliz. E ao meu marido Daniel B. de Azambuja que com muito amor, carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente aos meus pais, que me deram a vida, amor e uma excelente educação. Minha mãe, meu anjo protetor, e meu pai por torcer e rezar por mim.

Agradeço, ao meu marido pelo profundo amor e apoio incondicional nos bons momentos e nos mais difíceis também.

Agradeço, a minha irmã Isana Amoretti, por torcer por mim a cada minuto, ela traz para mim o verdadeiro sentido da palavra irmã. Mesmo de longe estamos profundamente conectadas.

Agradeço, ao meu irmão Iury Amoretti, pela amizade, amor e conselhos, por me instigar sempre a pensar além do que se pode enxergar.

Agradeço, aos meus sobrinhos, Kahena, Manoella, Lorenzo e Sofia. Luzes na minha vida que tornaram toda essa trajetória mais feliz.

Agradeço as minhas tias, Ilza Lopes, Denise Lopes e Valéria Rimoli, por vibrarem a cada conquista minha, e por muitas vezes assumirem o papel de mãe. Este agradecimento se estende também aos filhos delas, meus primos amados.

Agradeço, de todo o coração á Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca, pela paciência, pela amizade e por ter me orientado de forma exímia.

Agradeço, ao amigo Prof. Dr. Guilherme Antônio Behr que foi um incentivador para que eu cursasse a universidade pública, em um momento de indecisão.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a experiência do estágio e sua importância na formação inicial do professor de educação física. Trata-se de um relato de experiência reflexivo, que contou com a análise dos diários de campo/relatórios e dos planos de ensino desenvolvidos no período de estágio curricular obrigatório. Nessa perspectiva destaca-se a presença da professora unidocente ou referência no acompanhamento das aulas de estágio, as estratégias em relação à indisciplina, a construção dos saberes relacionados a experiências na perspectiva de Tardif (2002) e a participação do professor orientador ao longo do processo.

Palavras-chave: Estágio Curricular Obrigatório; Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental; Formação Inicial.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the experience of the internship and its importance in the initial formation of the physical education teacher. This is an account of reflective experience, which included the analysis of field diaries / reports and teaching plans developed during the period of compulsory curricular traineeship. In this perspective, the presence of the unidocent teacher or reference in the follow-up of the internship classes, the strategies in relation to the indiscipline, the construction of sabers related to experiences from the perspective of Tardif (2002) and the participation of the guiding teacher throughout the process.

Keywords: Mandatory Curricular Internship; Physical Education in the initial years of elementary school; Initial formation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artigos Relevantes.	16
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.2. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO.....	19
2.3 REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA.....	21
3. RELATO DE ESTÁGIO	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo a reflexão acerca da experiência do estágio curricular obrigatório, sob a perspectiva da formação inicial em Educação Física, levando em consideração os limites e possibilidades advindas da vivência experimentada.

Começo este trabalho contando um pouco da minha trajetória até este presente momento. Pude experienciar o estágio curricular supervisionado em uma escola, pela primeira vez, quando tinha 15 anos de idade, vivência possibilitada pelo Curso Normal desenvolvido na cidade de Tramandaí no ano de 2002. Senti muito medo ao entrar pela primeira vez em uma sala de aula, a qual contava com 32 alunos, ao lidar com a difícil responsabilidade de ensinar crianças de primeira série, em processo de alfabetização.

Tal sentimento se devia à minha pouca idade, à falta de experiência e por não ter o desejo de ser professora. Na verdade, nessa época eu queria estudar no Ensino Médio Regular, mas por imposição da minha mãe que acreditava que cursando o Curso Normal, eu teria em mãos uma profissão garantida no futuro, e por não ter muitas opções de escolha nessa idade, acabei cursando.

Durante este contato inicial com a escola, comecei a me identificar com a profissão e a gostar de dar aulas. Me familiarizei com todo o processo pedagógico e obtive êxito nessa primeira prática docente. Faltando 1 mês para me formar Normalista, eu e minha família fomos surpreendidos pela morte repentina e precoce daquela que tanto me incentivou para que eu me tornasse professora: a minha mãe. Fato que desestruturou toda a minha família e tudo aquilo que me norteava.

Me senti completamente desamparada, acabei desistindo do Curso Normal e me formei no Ensino Médio Regular. Hoje me arrependo de ter abandonado essa formação, faltando tão pouco para concluir, porém não me culpo. Carrego comigo toda a experiência que obtive durante esses 4 anos de Curso Normal, principalmente pela vivência do estágio, que foi a que mais me marcou.

Após todos esses acontecimentos, já residindo em Porto Alegre, comecei a cursar Pedagogia, tendo estudado até o quinto semestre, situação que me proporcionou, durante alguns anos, trabalhar com a Educação Infantil e com monitoria no Ensino Fundamental na função de estagiária em uma escola privada. A suspensão do curso de Pedagogia se deveu basicamente a

dois fatores, a necessidade de trocar uma instituição privada por uma pública e à ideia de cursar Educação Física.

A minha primeira experiência de estágio na universidade foi com a Educação Infantil, na Creche da UFRGS, com crianças de 3 a 4 anos. Foi uma vivência extremamente produtiva, enriquecedora e até mesmo divertida. Conforme mencionei anteriormente, o Curso Normal e os semestres cursados na Pedagogia, me possibilitaram trabalhar com crianças na Educação Infantil, e nesse estágio eu me senti muito à vontade e bem preparada, pois já estava habituada com esse nível de escolaridade e particularmente, por gostar muito de trabalhar com crianças pequenas.

Obtive muito sucesso nesse estágio, se constituindo numa vivência muito gratificante e significativa. A segunda experiência foi no Ensino Fundamental, em que foi sorteado pelo professor orientador as turmas com as quais cada aluno estagiário iria fazer sua prática pedagógica. Confesso, na ocasião, estava com medo de pegar turmas do sexto, sétimo, oitavo e nono ano. Queria muito que fosse sorteado para mim o quarto ou quinto ano, pois ainda eram crianças pequenas, faixa etária que eu estava habituada e mais preparada para trabalhar. Para minha felicidade, fui contemplada com a turma 422, um quarto ano, que passou a ser tema deste relato de experiência.

Por último e não menos importante, foi o estágio no Ensino Médio. Era o estágio que eu mais temia, pois nunca havia trabalhado com adolescentes. Me considero uma pessoa tímida e, nesse sentido, sentia receio de não conseguir me comunicar e me fazer entender por eles. A prática foi em dupla, o que foi um alívio, pois ao contrário de mim a minha dupla era extremamente comunicativa e se sentia completamente à vontade no meio desses alunos mais velhos. Foi um estágio de altos e baixos, mas que como toda prática educativa sempre vem para somar, aprendi muito e principalmente saí da zona de conforto de querer trabalhar somente com os alunos pequenos.

Assim, ao resgatar essas memórias, entendo que foi durante o Curso Normal que a vontade de ser professora começou a fazer sentido, se aprofundou um pouco mais quando pude trabalhar por alguns anos com a Educação Infantil como estagiária de Pedagogia, e depois, quando escolhi a licenciatura em Educação Física, com a oportunidade de me especializar em uma área que também me é muito estimada.

Portanto, nessa caminhada, a vivência dos estágios mostrou-se significativa para minha formação, implicando na escolha do tema deste trabalho, um relato de experiências sobre meu estágio no Ensino Fundamental.

O Estágio Supervisionado é uma das disciplinas obrigatórias do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com a Resolução nº 04/2012, art. 3º, da COMGRAD/ESEF:

Os Estágios de Docência são atividades de ensino de caráter teórico-prático, obrigatórias à integralização do Curso de Educação Física – Habilitação Licenciatura, conforme projeto pedagógico do curso, e compreendem um conjunto de atividades para a atuação como professor, envolvendo interação com a comunidade escolar; a compreensão da organização e do planejamento escolar; planejamento, execução e avaliação de atividades docentes, de acordo com a legislação vigente.

Em consonância com tal resolução, a referida Comissão de Graduação, no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estabelece que, por meio de ações conjuntas com escolas das redes municipal e estadual, além do Colégio de Aplicação da UFRGS, os estágios são oferecidos a partir da quinta etapa do currículo. Os estudantes realizam práticas docentes de Educação Física nos diversos níveis de ensino (Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Médio), sob orientação de um docente do curso e de um professor da escola de realização do estágio.

Menciona também que será facultado ao discente a realização de estágio curricular não obrigatório, devidamente orientado por um professor da unidade, de acordo com a Lei N 11.7888/2008 e de critérios acadêmicos estabelecidos pela COMGRAD/EFI através de resolução específica.

O estágio supervisionado que serviu de objeto de reflexão neste relato, como já referido, foi desenvolvido com uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental e realizado através de dois encontros semanais na escola. Além disso, contou com orientações individuais e coletivas de um professor da Universidade além do acompanhamento da professora referência. O espaço designado para a realização do trabalho foi uma escola da rede pública estadual, em Porto Alegre/RS, que atende o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Nessa perspectiva, inicialmente procurei conhecer o que já havia sido produzido sobre Educação Física nos anos iniciais, através de uma revisão de literatura sobre Estágio e unidocência, considerando a centralidade destes temas na ideia inicial do trabalho, o qual

pretendia analisar a importância da participação da professora referência¹ na minha prática pedagógica durante o estágio, a partir dos registros feitos em diário de campo realizados naquela oportunidade.

A temática não foi mantida a partir da insuficiência de elementos que servissem de informações para serem analisadas. Nessa perspectiva, a proposta do trabalho foi alterada, constituindo-se num relato de experiência reflexivo, contemplando assim outros aspectos e dimensões da prática docente, o que me instigou a buscar referências teóricas sobre a temática do estágio e da experiência sob a ótica reflexiva.

¹ Importante destacar que por ser uma escola pública estadual, a regência nos anos iniciais se caracteriza pela Unidocência, ou seja, uma única professora desenvolve todas as atividades pedagógicas sem a presença de professores especializados de Educação Física e Artes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Os trabalhos de revisão são definidos por Noronha e Ferreira (2000, p. 191):

[...] como estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Nesse sentido, a Revisão de Literatura é um texto que aborda estudos já produzidos na área em que se quer investigar, são trabalhos originais que trazem informações produzidas na área de investigação do tema. Nessa acepção, aumenta o conhecimento do autor da pesquisa em relação ao tema, ofertando maior clareza para a escrita do trabalho. Assim, para o presente trabalho, optei pela realização de uma pesquisa bibliográfica nas revistas listadas na continuidade do texto, tendo como recorte de tempo o período de 2008 a 2018, buscando conhecer estudos já realizados os quais me permitiram vislumbrar e melhor refletir sobre as questões que me instigaram.

Realizei a busca de material nas plataformas digitais de revistas científicas da área da Educação Física, através de pesquisa guiada pelos seguintes termos: “educação física escolar”, “educação física séries iniciais”, “educação física anos iniciais”, “unidocência”, “estágio de educação física anos iniciais”.

Esses termos foram pesquisados nas seguintes revistas científicas da área da Educação Física: *Revista Movimento*, *Revista Motrivivência*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, *Revista Pensar a Prática*, *Revista Kinesis*, *Revista Didática Sistemica*, *Revista Pedagógica*, *Revista Motriz* e *LUME Repositório Digital*. Destaquei os artigos que maiores aproximações tinham com a temática deste trabalho. Foram encontrados 9 artigos, que destaco abaixo, por serem pertinentes ao tema.

Base de Dados	Endereço Eletrônico	Data de Acesso	Artigos Relevantes
Revista Kinesis	https://periodicos.ufsm.br/kinesis	13/9/2017	Fonseca; Cardoso, 2014.
Revista Didática Sistemica	https://www.seer.furg.br/redsis	13/09/2017	FONSECA, Machado. MARTIS, Tavares. COSTA, Machado. 2014.
Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia	13/09/2017	ASSIS, Pontes. 2015.
Revista Pensar Á Prática	https://www.revistas.ufg.br/fef	13/09/2017	REZER, Fensterseifer. 2008. FIGUEIREDO, 2009. MOLETTA, Teixeira. FOLLE, Nascimento. FARIAS, Marinho. 2013. XAVIER. 2014.
Revista Pedagógica	https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica	13/09/2017	ILHA, Krug. 2009.
Revista Brasileira De Ciências Do Esporte	http://www.rbceonline.org.br/	13/09/2017	NORA, Sawitsky. 2014.

Tabela 1: Artigos Relevantes.

E, a partir dessa busca realizada, foram salientados os resumos, os quais se encontram descritos logo a seguir.

O artigo de Fonseca e Cardoso (2014), intitulado “Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: a questão da Unidocência”, constitui-se em uma análise de natureza qualitativa organizado através de um estudo de documentos e entrevistas semiestruturadas com seis professores unidocentes. Tem como foco principal refletir a Educação Física nos anos iniciais, dando ênfase a unidocência, como prática educativa e remuneração salarial, levando em consideração a argumentação pedagógica e legislativa que justificam a unidocência.

As autoras concluíram, mediante as análises das informações, que a prática da Educação Física precisa ser reexaminada. Este foi o artigo de maior relevância encontrado, pois aborda vários assuntos relacionados com a temática deste trabalho.

Outro artigo encontrado, Fonseca et al. (2014), “Vamos abrir a caixa? - um estudo sobre as aulas de educação física com professoras unidocentes”, cujo objetivo estava em compreender, através dos conteúdos e das metodologias que constituem as aulas de seis professoras unidocentes, quais tipos de alunos/sujeitos são formados/constituídos nas aulas de Educação Física em escolas estaduais de Porto Alegre.

A partir das verificações, os autores indicam que não são trabalhados muitos assuntos pertinentes à Educação Física, constituindo, dessa maneira, um tipo de aluno que é excluído dos muitos conhecimentos e culturas que compõem o componente curricular Educação Física relacionando esta ocorrência ao currículo e a intervenção de poder.

Assis e Ponte (2015), em “Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: repensando a atuação docente”, objetivaram expor nesta etapa de ensino algumas necessidades da prática educativa. Demonstraram que no contexto escolar, além dos saberes referentes aos conteúdos e processos de ensino, a profissão demanda imprevisto e ajustes com os outros indivíduos que constituem a escola, principalmente com o/a professor/a de referência.

Além disso, durante as aulas é dever do professor manter um olhar de atenção, para que esse não reproduza e trate com normalidade diferenças que foram construídas socialmente, e promover a inclusão de todas e todos em suas aulas de Educação Física. Para os autores, perante as inferências do contexto, os conhecimentos dos professores se transformam de modo muito frequente, evidenciando ainda, que é preciso ter cautela para não se deixar tomar pela rotina e como consequência acomodar-se, buscando estudar sempre o fazer docente bem como os processos educativos.

Rezer e Fensterseifer (2008), em “Docência em Educação Física: Reflexões acerca de sua complexidade”, discorrem acerca da presente temática em um texto que se divide em três momentos: a responsabilidade do entorno do processo de intervenção; a prática pedagógica no ensino superior e a formação permanente, a fim de trazer e devolver a complexidade do exercício da docência.

Os autores buscaram refletir a respeito dos intrincamentos da docência no terreno da Educação Física. Concluem que, para regatar a complexidade da docência em Educação Física é preciso que ocorram mudanças na formação inicial, a formação perene de natureza

crítico-reflexiva e que haja uma expansão de pesquisas mais pertinentes à realidade, as quais podem simbolizar “focos de ruptura” praticáveis no processo de resgate.

Em “Uma experiência de formação de professores de Educação Física na perspectiva do formar-se professor”, Figueiredo (2009), verifica os pressupostos teóricos e como está organizado o currículo de um curso de formação de professores de Educação Física. O autor tece uma reflexão sobre o saber pessoal e o saber prático na formação do professor e da concepção do formar-se professor. Fala ainda, sobre a conveniência de uma noção de currículo como prática e como foi articulada a realização dessa noção no contexto do currículo do curso. Realça a percepção sobre uma formação que concebe o professor como sujeito criador das suas práxis e de que forma o currículo possibilita essa concepção e a convicção de formar-se professor.

Molleta et al (2013), no artigo intitulado “Momentos marcantes do Estágio Curricular Supervisionado na formação de professores de Educação física”, analisou estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física, através de entrevistas semiestruturadas. Os acadêmicos, segundo as entrevistas, obtiveram mais sucesso, nos momentos de relacionamento com os alunos, em relação às atividades propostas e aos conhecimentos adquiridos.

Já nos piores momentos foi exposto a necessidade de que os professores supervisores os acompanhassem durante as aulas. Os autores concluíram que a escola é vista pelos acadêmicos como um lugar que favorece a formação docente. Todavia, destacam que a preparação e o planejamento prévio podem prevenir situações não tão boas para o bom rendimento das aulas.

Xavier (2014) em seu artigo, “Professor de Educação Física no Ensino Fundamental: Saberes, concepções e sua prática docente”, pesquisou 10 docentes de Educação Física atuantes no Ensino Fundamental. De natureza qualitativa, a pesquisa se fez através de entrevista semiestruturada e análise documental. A autora concluiu através dos resultados que há uma apreensão entre os professores, no que diz respeito a sua formação continuada. Eles têm o desejo de se aprimorar e capacitar.

Ilha et al. (2009), no artigo intitulado “A experiência docente na prática de ensino/estágio curricular supervisionado em Educação Física dos acadêmicos do CEFD/UFSM (CURRÍCULO 1990)”, teve como objetivo averiguar as experiências de estágio de 26 estudantes desta instituição, através de entrevista semiestruturada. Concluíram que os momentos mais satisfatórios estão relacionados ao sucesso das práxis e os momentos de insatisfação estão diretamente relacionados a fatores como indisciplina dos alunos, que se

resumem na frustração em relação a prática. Outros motivos destes insucessos não estão relacionados à prática docente.

Nora e Sawitsky (2014), em “A Educação Física nos anos iniciais com professores unidocentes”, buscaram compreender como se estabelece a Educação Física nesses anos. O estudo contou com a participação de 6 professores da rede estadual e é caracterizado como um Estudo de Caso, onde, utilizou-se como instrumento de análise a entrevista semiestruturada. O estudo concluiu que as questões de formação inicial, formação continuada e falta de tempo, são as maiores preocupações destes docentes. Concluíram também que um trabalho integrado entre professores de Educação Física e unidocentes podem contribuir para um melhor andamento dessa disciplina.

O resultado encontrado na presente busca não abrange a totalidade do que foi produzido acerca da temática do presente estudo. Porém, mesmo não abrangendo toda a produção existente, considerando outras fontes, foi uma pesquisa bastante significativa para que eu pudesse ter um melhor conhecimento sobre o que vem sendo estudado sobre temas que transitam nas linhas deste trabalho.

Ao cabo desta revisão pude identificar/compreender que os estudos indicam que as questões relacionadas a unidocência precisam ser revistos para um bom andamento das aulas de Educação Física nos anos iniciais. Os professores unidocentes anseiam por capacitações, formação continuada e mudanças na formação inicial, para que se sintam mais preparados, resgatando a completude da docência em Educação Física, pois, muitos assuntos relacionados ao componente curricular não são trabalhados, acabando por reduzi-la. Nesse sentido, seria interessante que professores de Educação Física e unidocentes trabalhassem de forma integrada, dessa maneira, possibilitando melhores aulas.

Nas questões que enfatizam o estágio curricular obrigatório, os alunos o vêem como um grande favorecedor da prática docente, mostrando ser uma grande oportunidade para a concepção do formar-se professor, onde experimentarão os anseios e as alegrias propiciados pela vivência do estágio.

2.2. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O estágio curricular supervisionado, corrobora com a formação inicial docente. É uma das alternativas curriculares que torna propício o envolvimento com a realidade escolar e seu contexto, permitindo a ressignificação dos conhecimentos adquiridos, a partir da prática docente reflexiva. A formação docente é potencializada com a vivência do estágio, uma vez

que é possível, ainda na graduação, o estudante articular teoria e prática no cotidiano do contexto escolar.

Para Iza e Neto (2015) os estágios supervisionados se configuram como um rico momento de aprendizagem, no qual, o futuro professor estará em contato direto com a realidade escolar, bem como, todos os dilemas e contradições existentes na prática docente.

Para introduzir o aluno no universo escolar, o estágio curricular supervisionado deve proporcionar meios entre os diferentes tipos de saberes, promovendo atividades pedagógicas que afirmem a relação teoria e prática, fundamentais nos cursos de formação de professores. De acordo com Iza e Neto (2015, p. 16):

O Estágio Curricular Supervisionado é um momento privilegiado da formação do professor, no qual ele tem a possibilidade de entrar em contato com as escolas, com a direção, com os professores, os alunos, com todo o contexto escolar, e dentro disso são grandes as oportunidades para diferentes reflexões acerca dos elementos constitutivos da escola.

Os autores afirmam que é preciso uma convivência com a realidade escolar, para que o aluno possa conhecer as suas possibilidades de atuação diante das diversas situações que podem surgir durante a prática pedagógica, e assim, saber as condições objetivas de trabalho que ele terá que lidar na escola. Afirmam ainda que, para o estágio ter sentido, é preciso um grande entrosamento e interesse entre o professor da escola, o aluno estagiário, e o professor da universidade.

O exercício da docência se forma através de vivências que estão apoiadas em teorias da educação, bem como na devida articulação entre teoria e prática. Pimenta (1995, p. 63) afirma: “A didática, entendida como área do conhecimento que tem por especificidade o estudo do processo ensino aprendizagem (teoria do ensino-aprendizagem) contribui na formação de professores”.

Segundo Pimenta (1995, p.63):

A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente.

Concordo com a autora, considerando as experiências reflexivas vivenciadas no meu estágio, as quais tornaram-se cada vez mais significativas, ou seja, deram mais sentido às decisões docentes que fui assumindo ao longo das aulas ministradas, reforçando a importância

do planejamento, do estudo permanente, e do diálogo com os professores orientadores, num processo formativo que acompanhou cada etapa do trabalho desenvolvido.

Ainda nas ideias da referida autora:

As dimensões de conhecimento e de intencionalidade (atividade teórica) e a de intervenção e transformação (atividade prática) da atividade docente conferem-lhe o sentido de atividade teórico-prática – ou práxis. (PIMENTA, 1995, p.61).

Para Iza e Neto (2015), é durante o estágio que o aluno sente que não está totalmente preparado e que é preciso mais conhecimento e vivência para pôr a teoria em prática.

Porém, este impacto pode ser amenizado e melhor compreendido no acompanhamento dos estagiários se estas experiências forem compartilhadas com os professores experientes, dando maior legitimidade a este processo, bem como podendo orientar melhor os estagiários nas necessidades básicas que os levam a se sentir inseguros. (IZA, NETO, 2015, P.34)

E foi o que aconteceu nessa experiência de estágio, em que não me sentia totalmente preparada, mas tive a oportunidade de trocar muitas ideias com a professora referência, a qual me norteava em relação aos alunos e com o professor orientador de estágio (que acompanhava todas as aulas com um olhar atento e compreensivo, sempre muito disposto a ajudar e ensinar).

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a refletir sobre a experiência vivenciada, trazendo para o debate situações que impactaram de diferentes modos minha prática docente ao longo do período estabelecido.

2.3 REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA

Muitos autores têm refletido sobre a experiência no processo de formação de professores. Ao decidir por um relato de experiência como trabalho de conclusão de curso, me vejo instigada a conhecer melhor o que dizem os estudos sobre tal temática. Qual a importância da experiência? Como tem sido discutida no âmbito da docência nos seus distintos momentos e contextos?

Para Garcia (2010), muito mais eficaz do que a teoria obtida nos cursos de formação de professores, é a prática reflexiva que contribui para se adquirir experiência. Nesse sentido, a educação pode ser pensada a partir da experiência, que é conquistada através das

práxis. Assim, as minhas experiências foram adquirindo sentido durante os estágios, na medida em que as reflexões me permitiam olhar para a minha prática docente, resignificando os processos vivenciados.

Para Larrosa (2002), para se adquirir experiência é necessário vivenciar as situações, uma vez que a experiência não vem pronta e é conquistada através da prática. Existem muitas barreiras na sociedade que impedem as possibilidades de experiência, são elas: excesso de informação, emissão de opinião sobre todos os assuntos, imediatismo, falta de tempo e excesso de trabalho. As pessoas se informam e opinam em uma velocidade muito rápida, que não há tempo hábil para experimentar. Uma obsessão pela novidade que impede um vínculo mais profundo entre um acontecimento e outro.

Ainda, de acordo com as ideias do autor:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24).

Nesse sentido, o relato desenvolvido se sustenta e se inspira na perspectiva da experiência como um processo que foi sendo produzido nas muitas paradas, reflexões, escutas, diálogos que foram emprestando o sentido necessário para a prática pedagógica vivenciada.

Ainda no tocante ao estágio, que acontece em um curto espaço de tempo, consegui dar sentido às minhas aulas, me apropriar dos diferentes significados que me permeavam, criar vínculos com os alunos, adquirir a experiência necessária que ali estava disponível para o sucesso da prática pedagógica.

3. RELATO DE ESTÁGIO

Senti uma certa apreensão ao iniciar meu estágio curricular, em virtude da escola proposta pela universidade ser muito próxima ao Presídio Central de Porto Alegre, e por eu não conhecer a região, assim como pelo fato de se tratar de uma escola pública, a qual muito diferenciava da realidade com a qual eu estava habituada nas escolas privadas.

Tal situação gerou em mim medo e ansiedade, mas ao mesmo tempo se constituiu em um importante desafio para minha formação inicial como professora de Educação Física. Algo como um estranhamento com a realidade da educação, fenômeno estudado por pesquisadores da formação de professores identificado como um choque com a realidade ocorrido no início da docência.

Para Tardiff (2002, p.82).

[...] este processo está ligado também à socialização profissional do professor ao que muitos autores chamaram de ‘choque com a realidade’, ‘choque de transição’ ou ainda ‘choque cultural’, noções que remetem ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão [...].

Nesse sentido Tardiff nos convida a refletir sobre a temporalidade dos saberes docentes, considerando as conquistas que se dão através do tempo e tem três diferentes significados.

O primeiro afirma que o conhecimento do professor sobre as questões da educação, vem, em sua maioria, de sua própria trajetória de vida e traz ainda traços de sua vida escolar. É na escola que se passa grande parte do tempo e isso, segundo o autor, vai se refletir na forma de trabalho do professor. Quando os professores em seus cursos de formação ou trabalhando na escola são desafiados a resolver alguma questão, buscam as memórias do passado, que vem de suas histórias de vida e da vida escolar, soluções para elucidar e resolver essas questões.

O segundo significado relacionado aos saberes temporais, é que a prática docente está muito relacionada as tentativas de erro e acerto, onde se enxerga mais claramente que a teoria às vezes pode ser bastante diferente da prática em si. Principalmente nos primeiros anos de carreira onde se deve provar eficiência, e ainda está havendo uma estruturação da atividade docente. Durante a minha prática docente como estagiária, muitas vezes trabalhei nessa perspectiva do acerto e do erro, ou seja, agindo meio ao acaso, sem muita intencionalidade.

Essas situações foram evoluindo a partir de uma prática mais reflexiva e dessa maneira foram se qualificando minhas aprendizagens na docência.

Por fim, os saberes docentes são temporais no sentido de identidade, que se sucedem ao longo da profissão, onde os profissionais estabelecem rotinas e se adaptam ao sistema de trabalho imposto em um processo de socialização profissional com a escola, se adequando a ela. O que não aconteceu durante o meu estágio, pois como mencionei anteriormente, o processo de estágio se dá em um tempo muito curto e apesar da criação de vínculos, não se adquire essa identidade, que por sua vez resta diretamente relacionada a um longo prazo.

A par dessas questões, relacionadas ao choque de realidade, a turma a qual assumi se mostrou atenciosa e alvoroçada com a minha presença. A partir das observações, dialoguei com a professora titular da turma, para ter uma ideia melhor de como e com quem iria trabalhar. A professora me relatou que era uma turma bastante difícil, pois ela era composta basicamente por meninos e muitos repetentes. Nessa fala da professora, parece ter havido um certo (pré) conceito em relação à predominância de meninos e alguns repetentes.

Segundo Ortigão e Aguiar (2013, p. 381):

Há algumas décadas as estatísticas nacionais vêm mostrando uma diferença considerável entre o desempenho escolar de meninas e meninos. Elas, de alguma forma, têm conseguido articular esse tipo de comportamento com um desempenho escolar mais positivo que os meninos.

Informou também que no decorrer do estágio alguns desses alunos iriam mudar de turma e iriam entrar 10 outros, com a mesma faixa etária dos colegas em idade regular. Na verdade, muitas vezes os alunos repetentes apresentavam atitudes que interferiam de modo negativo no desenvolvimento das aulas, situação que me levava a refletir sobre quais os fatores que implicavam em tais comportamentos.

Segundo Leon e Meneses-Filho, (2002) o aprendizado e o processo de escolarização dos alunos são afetados pela repetência. E está diretamente relacionada com a saída do aluno da escola, pelo afastamento dos colegas da mesma idade, gerando um descompasso idade-série.

Concordo com os autores, por exemplo, a discrepância de idade entre as crianças da turma em que eu estagiava era muito grande, muitas vezes esses alunos não queriam fazer a atividade, pois as consideravam infantil ou por já estarem condicionados ao futebol, julgavam

as atividades como chatas. Quando eu surgia com aulas com propostas diferentes, isto gerava polêmica, mesmo quando trabalhava com os fundamentos do futsal, eles queriam o jogo em si.

Os demais alunos geralmente se sentiam motivados pelas aulas diferentes das que estavam acostumados. Após eu argumentar e pedir para que participassem, eles faziam a aula, mas davam algum jeito de dificultar a atividade, outras vezes participavam e até se envolviam positivamente. Nesse sentido, aos poucos fui exercendo a autoridade que me cabia, para conseguir dar continuidade nas atividades.

De acordo com as ideias de Vasconcellos (1998) se constrói a autoridade conquistando os alunos com aulas bem planejadas, conhecimento dos assuntos abordados, indo além do senso comum, determinando regras, sendo afetivo, solidário, ético e em alguns momentos rígido, se preciso for.

Ainda nas ideias de Vasconcellos (1998, p. 44), “A educação, no seu verdadeiro sentido, não se faz sem autoridade, pois o educando precisa do referencial do educador a fim de ter base para a construção do seu.” Realmente esse foi um grande desafio, pois ao mesmo tempo que essas situações atrapalhavam o andamento das aulas, me mobilizavam a encontrar alternativas para melhor lidar com as adversidades.

Entendo que por trás deste comportamento, existe um aluno que sente vergonha por estar na condição de repetente, por ser mais velho que os demais e usa dessa condição para se sobressair aos alunos mais novos. Foi muito difícil incluí-los nas aulas, sentia que me faltava experiência na docência para melhor conduzir a prática pedagógica. Como incluí-los? Como lidar com tal situação?

De acordo com as ideias de Tardif os saberes experienciais se dão em uma maneira ampla, não estão subordinados a teorias, são saberes práticos advindos da experiência do docente. São situações que surgem no dia-a-dia e exigem soluções inesperadas e habilidade pessoal, além de saber como encarar os diferentes contextos momentâneos. E é dessa maneira que os saberes de experiência vão se formando.

Segundo Tardif (2002, p. 38), sobre os saberes experienciais:

Finalmente, os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se a experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos.

Nesse sentido, meus saberes foram se constituindo no dia-a-dia, nas trocas com a professora referência de turma, que muito contribuíram para o bom andamento e sucesso da minha prática docente. A professora referência de turma me auxiliava de diversas maneiras, ou seja, a presença dela já era um grande auxílio, entretanto esse acompanhamento era bom e ruim ao mesmo tempo.

A presença da professora me trazia bastante segurança durante as aulas, ao mesmo tempo que tirava minha autoridade, diante dos alunos, considerando que, algumas vezes, também conversava com eles fora do horário da Educação Física, para que colaborassem com as atividades propostas por mim.

Poucas vezes fiquei sem a presença dessa professora em minhas aulas. Isso acontecia, quando alguns alunos não tinham terminado suas tarefas e permaneciam em sala de aula com a referida docente, sendo que à medida em que iam terminando suas tarefas iam se inserindo na minha aula. Esta medida adotada pela professora não me agradava, pois, além de reduzir a importância das aulas e usar a Educação Física como estratégia de punição para os alunos, atrapalhava bastante o processo de ensino e aprendizagem, pois os alunos chegavam no meio da atividade, quebrando o ritmo e atenção já conquistados.

De acordo com Branco (2012, p. 7):

Quando professores justificam em deixar seus alunos sem esta aula por inúmeros motivos como: recuperar o conteúdo de classe, bagunça durante a aula, não acompanharem o conteúdo, estão privando este de vivenciar e explorar ao máximo outras atividades que também contribuem para a seu desenvolvimento e aprendizagem. É preciso encarar a educação física como uma disciplina igual às outras, que tem seu momento certo e precisa ser respeitada.

Mesmo com essas situações que de alguma forma prejudicavam o desenvolvimento das aulas, a presença da professora foi significativa para o enfrentamento do dia-a-dia com os alunos. Conforme mencionado, o acompanhamento da professora titular principalmente no início do semestre foi de extrema importância para o desenrolar das aulas, me auxiliando bastante, principalmente com questões relativas a indisciplina, conversando com os alunos sobre minhas aulas fora do horário da Educação Física e também com a sua presença durante as aulas, e eles por terem um vínculo afetivo muito maior com a professora de classe, no início do estágio ouviam bastante a ela e não a mim.

Com o tempo pude reverter isso, os alunos já se dirigiam a mim, quando queriam reivindicar ou pedir algo, consegui assim criar um vínculo com eles, fazendo com que se

reportassem diretamente a mim na maioria das vezes e que atendessem aos meus comandos verbais.

Estar diante de uma turma como estagiária, envolve responsabilidades significativas na construção do processo formador do professor. Não se cria vínculos somente com os alunos, mas sim com todos os elementos que compõe uma escola.

Por se tratar de um estágio, frequentava a escola duas vezes durante a semana tendo poucas oportunidades de vivenciar e conhecer a organização interna da instituição, o que, no meu entendimento, é um aspecto muito importante, uma vez que o funcionamento da escola impacta diretamente na prática pedagógica em questão. Nesse sentido, pude contar com o auxílio da professora referência e do professor orientador de estágio para melhor me informar sobre o funcionamento da escola e a sua organização. Dialogamos sobre conselhos de classe, espaços que poderia utilizar, sobre algum aluno que merecia um olhar mais atento e informações gerais relacionadas à rotina diária da escola e dos alunos.

Na minha primeira aula com a turma, procurei observar como a professora titular conduzia o processo, já sabendo, devido a um diálogo anterior com a referida docente acerca da indisciplina recorrente vinda de alguns alunos com idade superior a um quarto ano.

Assim, tentei me colocar de uma maneira que transmitisse segurança, a fim de não gerar maiores impasses com estes alunos. Com isso, afirmo que não se trabalha com a indisciplina usando de coação ou qualquer outro tipo de arbitrariedade, mas sim fazendo uso de estratégias de autoridade, com rigor no estabelecimento de limites demonstrando segurança diante dos alunos.

E dessa maneira prossegui, sempre procurando resolver todos os conflitos conversando, argumentando e incluindo. Algumas vezes deu certo, outras não.

Para Vasconcellos (1998, P. 37), a questão da disciplina é bastante complexa, uma vez que um grande número de variáveis influenciam o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, apesar dessa complexidade, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo.

Ainda nas ideias do referido autor, a questão da disciplina não é simples e depende de múltiplos fatores, se constituindo muitas vezes em desgaste diante da necessidade de administrar os conflitos para atingir um processo pedagógico satisfatório. Inúmeras vezes o professor espera do seu aluno um comportamento pacífico e não é isso que acontece. Assim, o docente acaba por se afastar do seu aluno, resultando na falta de interação, e, na tentativa de

frustrada de elucidar tais questões, acaba criando mais indisciplina e isolamento desses indivíduos.

Depois de conhecer um pouco melhor a turma com a qual iria trabalhar, preparei meu plano de ensino com suas unidades didáticas, divididas em: atividades de Futsal, Expressão Corporal, e atividades que contemplavam as habilidades motoras básicas, tudo com bastante ludicidade.

Segundo Branco (2012, p. 23):

Ao participar de jogos ou brincadeiras a criança aplica, mesmo sem que o professor peça, o que ela aprendeu, em certo momento da brincadeira ou do jogo ela se depara em uma situação parecida àquela atividade onde o professor lhe pediu para equilibrar-se em um pé só, então rapidamente remete para a situação e busca refletir de forma parecida aquele aspecto motor que o professor trabalhou para que obtivesse êxito na brincadeira ou jogo.

Ainda nessa perspectiva, o lúdico é uma ferramenta bastante eficaz no processo de ensino-aprendizagem, por isso, incorporei o elemento da ludicidade em todas as aulas propostas durante o estágio.

Segundo Santos e Jesus, (2010, p. 3):

Existe uma relação muito próxima entre jogo lúdico e educação de crianças para favorecer o ensino de conteúdos escolares e como recurso para motivação no ensino às necessidades do educando. Os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas

À vista disso, entreguei uma cópia do plano para a professora titular da turma para que ela pudesse acompanhar, me orientar, e se planejar também. Nesse sentido destaco a importância do planejamento para o êxito do trabalho pedagógico.

Segundo Bossle (2002), a partir da prática intencional do professor, o planejamento é um processo reflexivo, organizado, racionalizado e coordenado, que tem como objetivo vincular a questão escolar e as complexidades do contexto social e que possam atender as demandas de seus alunos:

O planejamento de ensino é processual, são todas as decisões e ações do professor na interação com o contexto da comunidade escolar. Portanto desta forma, pode ser uma programação realizada pelo professor cotidianamente,

constantemente avaliado como processo, e não somente em reuniões e períodos previamente estabelecidos para tal. É baseado na relação entre a teoria e a sua prática em um contexto determinado, que se objetiva a concretização dos princípios e objetivos já elaborados pela instituição escolar, existentes em seu projeto político-pedagógico. (BOSSLE, 2002, p. 33):

O autor afirma ainda que muitos docentes de Educação Física acham dispensável o planejamento de ensino, por se tratar de uma disciplina majoritariamente prática, e que sem planejamento, tanto os estagiários como os professores de Educação Física podem apresentar aulas improvisadas, o que não é conveniente.

Boslle, (2002, p. 36), considera que:

Há por parte dos professores de educação física, descrença no planejamento de ensino, manifestada por uma resistência ao colocar no papel o que se deseja. Há que se considerar a prática negativa, ou equivocada de realizar planejamento, muito comum há pouco tempo atrás nas escolas, onde os planos eram uma tarefa mecânica, para cumprir um ritual de formalidade, completamente sem sentido e frequentemente de controle de atividades ditas como necessárias à escola, cobrados por coordenadores, orientadores e supervisores. A resistência a este discurso burocrático, foi uma prática de negação ao planejamento, não menos equivocada e baseada no discurso de que planos são entregues e engavetados, são copiados de livros, de colegas ou de um ano para outro, que a prática não leva em conta o que foi colocado no plano..., considerando desta forma o planejamento como desnecessário.

No meio do semestre, como já mencionado, os alunos repetentes trocaram de turma, para ir a um programa de correção do fluxo escolar chamado *Acelera Brasil*, que tem como objetivo resgatar a aprendizagem de alunos repetentes matriculados do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental.

Tais alunos, ao participarem do programa, podem evoluir em até dois anos escolares, regularizando a idade-série, trabalhando também com questões que envolvem a autoestima dos alunos e outros fatores psicológicos.

Segundo Lalli (2008, p. 145), "O Programa Acelera Brasil começou em 1997 por iniciativa do Instituto Ayrton Senna (IAS) e contou com o apoio de outras instituições, como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC) e a Petrobrás."

De acordo com Lalli (2008, p. 147):

O programa prioriza a participação de professores regulares da rede, uma vez que pretende contribuir para o aprimoramento de sua formação. A capacitação inicial visa apenas mobilizá-los e convocá-los para uma nova experiência. Nessa capacitação, os professores analisam evidências de que não existem razões para continuar com a pedagogia da repetência, e que eles só terão

sucesso como professores se seus alunos tiverem sucesso. Essa capacitação inicial fornece alguns conceitos importantes sobre autoestima e resiliência, mas sobretudo instrumenta o professor para trabalhar de uma forma nova, centrada no aluno e num programa estruturado de ensino que, se adequadamente implementado, de forma acelerada, permitirá ao aluno não só passar de ano, mas pular duas ou mais séries. Orientações mais detalhadas constam do manual do professor.

Com a saída desses alunos, dez novos alunos ingressaram na minha turma, onde o trabalho já começava a se consolidar. Isto foi mais um desafio e mais uma vez pude contar com o auxílio da professora referência, esses alunos eram novos para ela também, e com muita conversa conseguimos inserir esses novos alunos nas minhas aulas.

A partir deste período, as aulas aconteceram com bastante tranquilidade, pois não havia mais a discrepância de idade entre uns alunos e outros, e os colegas não temiam mais os alunos mais velhos. Consegui cativar meus alunos, com aulas divertidas e produtivas, conseguia aplicar na maioria das vezes o que tinha planejado, comecei a sentir também um maior envolvimento dos alunos, me dando *feedback* positivo das aulas. A escola disponibilizava uma gama bem diversificada de materiais que podiam ser usados livremente em minhas aulas e de quadras esportivas em boas condições, além de um espaço coberto para aulas em dias de chuva, condições que facilitaram o planejamento das aulas, pois fiz uso de todos os materiais e espaços disponíveis.

Outro aspecto que me auxiliou bastante foi o acompanhamento sempre disponível do professor orientador oferecido pela universidade, sempre ao final de cada aula este professor conversava comigo, exaltando os pontos positivos, mostrando caminhos para o que precisava ser mudado, aconselhando e, principalmente, incentivando para que eu desse o meu melhor.

Ouvia tudo com muita atenção, e, com certeza, os ensinamentos e experiência deste professor agregaram muito à minha prática docente.

Chegando ao fim do estágio, quando já estávamos bem entrosados uns com os outros, a escola entrou em greve², movimento legítimo de luta para impedir retrocessos nos direitos dos professores. Foi o início das manifestações contra os desmontes que a educação e a categoria vêm sofrendo até os dias atuais. Fiquei mais ou menos duas semanas sem dar aula,

² Em Assembleia Geral do CPERS, realizada no dia 13 de maio de 2016, milhares de educadores decidiram pela greve da categoria. A paralisação foi a resposta dos educadores ao governo Sartori (PMDB) e sua cúpula, que massacram, dia após dia, os educadores e destroem a educação pública.

o que acarretou em prejuízos, no processo, não permitindo que fosse desenvolvida a unidade didática de Expressão Corporal, última unidade prevista no meu planejamento.

A greve gerou implicações no processo de ensino aprendizagem e na volta às aulas me deparei com mais um desafio a ser ultrapassado, havíamos perdido o ritmo do trabalho, parecendo que teria que começar tudo novamente.

Consegui retomar as atividades já propostas e os alunos foram bem receptivos, o que me deixou aliviada. O vínculo já estabelecido, aliado à carência dos estudantes em ter uma boa aula de Educação Física, foi bem importante na retomada das atividades fazendo com que eu finalizasse com sucesso a prática docente.

Tinha cinco dias para finalizar o trabalho e assim optei por desenvolver as aprendizagens com bastante ludicidade, aproveitando para estreitar os vínculos com os alunos, nesses momentos finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito relatar minha experiência de estágio refletindo sobre os aspectos que marcaram minha docência no período em pauta.

Ao término do trabalho retomo aspectos que foram significativos a minha prática docente. Nesse sentido, escrevo primeiramente sobre os anseios que me cercavam no início do estágio, definidos por Tardif (2002), como choque de realidade, onde me deparei de fato com a complexidade da docência em Educação Física. Passado este momento inicial, pude conhecer melhor a turma com a qual iria trabalhar, e outros questionamentos de diferentes naturezas começaram a surgir.

A repetência e a discrepância de idade entre os colegas de turma, foram grandes desafios com os quais tive que lidar. De um lado me faltava a experiência necessária para tratar dessas questões, e de outro tinha que conseguir subsídios para encontrar soluções para essas situações desafiadoras. Nesse sentido, pude contar com o auxílio da professora referência e do professor orientador de estágio.

As questões relacionadas a indisciplina foram se desfazendo com o passar do tempo, por eu ter conquistado a confiança deles, criado vínculos, a autoridade docente foi se estabelecendo e também, pela saída de alguns alunos da turma, não por minha vontade e sim porque já estava previsto pela escola. Nesse momento, as idades se equipararam e prática se sucedeu de maneira mais tranquila.

Sobre as “soluções” encontradas pela escola, representadas pelo deslocamento desses alunos para o “Programa Acelera Brasil” fica como um aspecto a ser problematizado: Qual o papel desse programa na efetiva recuperação dos alunos? Não caberia à escola assumir tal desafio mediante apoio pedagógico e estrutural dos sistemas de ensino? Por que chamar a iniciativa privada?

Vivenciar o estágio me permitiu enxergar ainda mais, com segurança, estudo, domínio de conteúdo, e uma rede de apoio, que posso enfrentar os mais diversos desafios advindos da prática docente.

Destaco também a importância de um bom planejamento de aula, para o bom andamento da prática pedagógica. Procurei, conhecer os alunos e entendê-los buscando estratégias eficazes para superar os desafios, e também, por ter tido ao meu lado o apoio da professora referência e a orientação do professor supervisor de estágio, os quais me

possibilitaram realizar um trabalho com muito sentido e satisfação. Uma experiência que se mostrou extremamente significativa para a minha vida, para a concepção do tornar-se professor, e contribuindo com o meu processo de ensino e aprendizagem na docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Amanda Dória; PONTES, Maicon Felipe Pereira. **Educação Física Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: Repensando A Atuação Docente**. Motrivivência. Vol. 27. N. 45. 2015. P. 113 a 123.

BOSSLE, Fabiano. **Planejamento De Ensino Na Educação Física: Uma Contribuição Ao Coletivo Docente**. Movimento. Vol. 8. N. 1. 2002.

BRANCO, Rafaeli Marini. **A Educação Física Nas Séries Iniciais: Suas Contribuições E Seus Profissionais**. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4719>>. Acesso: 04 jun. 2018.

CPERS - Sindicato Filiado à CNTE. Disponível em: <<http://cpers.com.br/>>. Acesso: 04 jun. 2018.

DA GARCÍA, Carlos Marcelo. **O Professor Iniciante, A Prática Pedagógica E O Sentido Da Experiência**. Formação docente. 2 (3). 2010. P. 11 a 49.

DA SILVA ILHA, Franciele Roos; DE ROSSO KRUG, Rodrigo; KRUG, Hugo Norberto. **A Experiência Docente Na Prática De Ensino/Estágio Curricular Supervisionado Em Educação Física Dos Acadêmicos Do CEFD/UFSM**. Currículo 1990. Revista Pedagógica. Vol. 11. N. 22. P. 85 a 108. 2009.

DALLA NORA, Daiane; SAWITZKI, Rosalvo Luis. **A Educação Física Nos Anos Iniciais Com Professores Unidocentes**. Cadernos de Formação RBCE. Vol. 5. N. 1. 2015.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina. **Uma Experiência De Formação De Professores De Educação Física Na Perspectiva Do Formar-se Professor**. Pensar a Prática. Vol. 12. N. 3. 2009.

FONSECA, Denise Grosso da; et al. **Educação Física Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: A Questão Da Unidocência**. Kinesis. Vol. 32. N. 1. 2014.

FONSECA, Denise Grosso da; et al. **Vamos Abrir A Caixa? Um Estudo Sobre As Aulas De Educação Física Com Professoras Unidocentes.** Revista Didática Sistêmica. Vol. 16. N. 1. P. 260 a 274. 2014.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Disponível em: <<http://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/Atuacao/accelera.html>>. Acesso: 04 jun. 2018.

IZA, Dijane Fernanda Vedovatto; NETO, Samuel de Souza. **Por Uma Revolução Na Prática De Ensino: O Estágio Curricular Supervisionado.** 1. Ed. Curitiba. PR: CRV. 2015.

LALLI, Viviane Senna. **O Programa Acelera Brasil.** Em aberto. Vol. 17. N. 71. 2008.

LEITURAS, S. M. E. **Notas Sobre A Experiência E O Saber De Experiência.** Revista brasileira de educação. N. 19. P. 20 a 28. 2002.

LEON, Fernanda Leite Lopes de; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **Reprovação, Avanço E Evasão Escolar No Brasil.** Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro. Vol. 32. N. 3. P. 417 a 451. 2002.

MOLETTA, Andréia Fernanda; et al. **Momentos Marcantes Do Estágio Curricular Supervisionado Na Formação De Professores De Educação Física.** Pensar a Prática. Vol. 16. N. 3. 2013.

MOREIRA, Walter. **Revisão De Literatura E Desenvolvimento Científico: Conceitos E Estratégias Para Confeção.** Janus. Vol. 1. N. 1. 2008.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. **Fontes De Informação Para Pesquisadores E Profissionais.** Belo Horizonte: UFMG. 2000. P. 191 a 198.

ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho; AGUIAR, Glauco Silva. **Repetência Escolar Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: Evidências A Partir Dos Dados Da Prova Brasil 2009.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Vol. 94. N. 237. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio Na Formação De Professores: Unidade Entre Teoria E Prática.** Cadernos de+ pesquisa. N. 94. 2013. P. 58 a 73.

Projeto Pedagógico Do Curso Educação Física Habilitação Licenciatura. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_licenciatura.pdf>. Acesso: 04 jun. 2018.

Resolução Nº 2, de 1º De Julho De 2015. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf>. Acesso: 04 jun. 2018.

REZER, Ricardo; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Docência Em Educação Física: Reflexões Acerca De Sua Complexidade.** Pensar a prática. Vol. 11. N. 3. 2008. P. 319.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo; JESUS, Basiliano do Carmo de. **O Lúdico No Processo Ensino-Aprendizagem.** 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes E Formação Profissional.** 3ª Ed. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes. 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção Da Disciplina Consciente E Interativa Em Sala De Aula E Na Escola.** 10ª Ed. São Paulo. Editora: Libertad. 1998.

VOLPATO, Gilson Luiz. **O Método Lógico Para Redação Científica.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde. Vol. 9. N. 1. 2015.

XAVIER, Cláudia Renata Rodrigues. **Professor De Educação Física No Ensino Fundamental: Saberes, Concepções E Sua Prática Docente.** Pensar a Prática. Vol. 17. N. 2.